

O USO DE ANIMAIS SILVESTRES DA CAATINGA PARA FINS ZOOTERAPÊUTICOS, ALIMENTÍCIOS E COMERCIAIS NA REGIÃO DO CURIMATAÚ PARAIBANO

Luana Gabriele dos Santos Silva (1); Paloma Kessia Santos Silva (1), Ana Paula Martins Santos (2) Márcio Frazão Chaves (3)

(1) *Licenciada em Ciências Biológicas, Centro de Educação e Saúde/UFCG, luanagab2112@gmail.com*
(1,2 e 3) *Licenciados em Ciências Biológicas, Centro de Educação e Saúde/UFC; palomakessiabio@gmail.com; jorge.mix2013@gmail.com; anapaulamartinsbio@gmail.com; marciochavesufcg@gmail.com*

RESUMO

Este artigo discute o uso de animais da caatinga como recursos medicinais na região do Curimataú paraibano, nos municípios de Barra de Santa Rosa e Picuí. Os dados resultam de uma avaliação processual de desempenho acadêmico, uma vez que se tratou de um exercício requerido pelo professor da disciplina Etnoecologia (semestre 2016.1) aos estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande. O artigo refere-se a um registro nas cidades supracitadas, sobre o uso de animais medicinais. O registro da utilização medicinal de animais na Região do Curimataú Paraibano fornece uma contribuição relevante ao fenômeno da zooterapia, abrindo espaço para debates sobre biologia da conservação, políticas de saúde pública, manejo sustentável dos recursos naturais, prospecção biológica e patente. Necessita-se desenvolver mais estudos etnozoológicos tanto para compreender a importância real da zooterapia para as comunidades tradicionais, quanto para desenvolver estratégias de manejo e uso sustentáveis das espécies animais, especialmente daquelas em risco de extinção.

Palavras-chave: Zooterapia, Etnozoologia, Medicina Popular.

INTRODUÇÃO

Os estudos etnobiológicos, de modo geral, têm contribuído para unir os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais de comunidades humanas distintas, no que se refere ao meio ambiente e suas inter-relações (MESQUITA, 2004 apud BARBOSA 2014). Tais estudos tem um papel importante no ramo científico, pois, é uma ferramenta que aproxima ciência/pesquisa, do senso comum, além de promover uma busca de um entendimento do meio em estudo, as relações entre seres humanos e natureza, bem como, informa a riquíssima cultura encontrada em determinada região.

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

As comunidades rurais dos municípios são regiões riquíssimas de histórias e de hábitos locais, hábitos que passam de geração para geração, e que nos sentimos cativados a querer explorar esses conhecimentos locais que são simples e ao mesmo tempo cheios de sabedoria. Partindo disto, resolvemos entender as relações do homem da roça com os animais, procurando saber se havia uma relação harmônica, ou se em algum momento os moradores das comunidades de Lajedo Grande e Assentamento Riacho da Cruz haviam tirado benefícios a partir dos animais silvestres que ali vivem.

Sabe-se que o uso de animais silvestres pelo homem não é de hoje, as relações entre humanos e animais vêm de muito tempo, desde a época da pré-história que o homem caçava animais para seu subsídio: alimentação e proteção. Segundo Fita 2009 citado por Barbosa 2014 “a fauna silvestre, com seus múltiplos valores, representa um elemento de importância alimentar, social, cultural, sanitária, econômica, simbólica e ecológica”.

No semiárido nordestino e especial na região do Curimataú Paraibano nos municípios de Picuí e Barra de Santa Rosa, nas comunidades Lajedo Grande e Riacho da Cruz, o hábito de caçar animais silvestres é antigo. Além do uso de animais como fonte de alimentação os povos antigos destas localidades costumavam utilizar com finalidades “zooterapêuticas” ou fabricação de medicamentos caseiros de origem animal. Tal prática são conhecimentos culturais que passam de geração a geração.

Diante disto a presente pesquisa objetivou documentar as atividades referentes ao uso da medicina zooterapêutica na referida região para observar com que frequência a população rural utiliza-se desta prática nos dias atuais. E também saber as principais espécies que foram ou são utilizadas para este fim, proporcionando um diálogo com a população a respeito da importância da preservação das espécies nativas da região tendo em vista a extinção de algumas espécies provenientes da caça predatória.

MATERIAIS E MÉTODOS

- Área de estudo

O município de Barra de Santa Rosa está localizado no estado da Paraíba e possui uma área de cerca de 776 km², abrigando cerca de 15.145 pessoas (IBGE 2016). O município insere-se no polígono das Secas. Possui clima semiárido, quente com chuvas de verão. Segundo a divisão do Estado da Paraíba em regiões bioclimáticas o município possui bioclima mediterrâneo ou nordestino quente de seca acentuada na sua porção ocidental e mediterrâneo

(83) 3322.3222
contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

ou nordestino de seca média com 5 a 6 meses secos na porção oriental. A pluviometria está situada entre 400 a 600mm/ano e a temperatura média é de 24 °C. (CPRM, 2005).

A economia do município de Barra de Santa Rosa concentra-se predominantemente no setor primário com participação superior à 75,1%, através de atividades da agricultura e pecuária. O setor secundário é modesto com participação de 0 a 10% e o setor terciário com 5 a 25%. A agricultura com modesta produção apresenta como principais produtos o sisal, algodão, milho, feijão e mandioca. Na pecuária destaca-se a criação de bovinos, caprinos e ovinos e na avicultura a criação de galináceos (CPRM, 2005).

O município de Picuí também localizado no estado da Paraíba, possui uma área de cerca de 662 km², abrigando cerca de 18,222 pessoas (IBGE 2016). Possui clima Semi-árido quente com chuvas de outono e verão. Segundo a divisão do Estado da Paraíba em regiões bioclimáticas Picuí possui, na sua porção ocidental, bioclima Tropical quente de seca acentuada com 7 a 8 meses secos; Mediterrâneo ou nordestino quente de seca média com 5 a 6 meses secos, ocorrendo em uma faixa sudoeste-nordeste e o bioclima Sud-desértico quente de tendência tropical com 9 a 11 meses secos no extremo sul e sudeste próximo ao limite com o município de Barra de Santa Rosa.

A pluviometria na cidade de Picuí é de 339,1mm de distribuição irregular com 77% de seu total concentrando-se em 04 meses (FMAM). A temperatura média anual situa se entre 23 C à 25C. (CPRM, 2005).

-Procedimentos

A pesquisa foi realizada entre os meses de junho a agosto de 2016 nas comunidades rurais dos municípios de Barra de Santa Rosa e Picuí – PB com cerca de 20 famílias. As informações foram obtidas através de questionários semi-estruturados complementado por conversas livres e informais a respeito de como era antes e, de como estão às inter-relações entre humanos e animais silvestres em ambas as comunidades. A seleção de informantes foi realizada por meio da técnica de “bola-de-neve”: a partir de um contato inicial, um informante é reconhecido e indica outro que, por sua vez, indica outro e assim sucessivamente (MENDONÇA, 2011). Foi realizado também, conversas com um grupo de moradores das comunidades em que um a um, respondiam ao questionário semi-estruturado. Antes de cada entrevista foi explicada o intuito e objetivos da pesquisa, entregamos o termo de consentimento livre e esclarecido, elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo entrevistado e a outra pelos pesquisadores responsáveis.

As conversas com os entrevistados foram iniciadas com uma breve apresentação dos pesquisadores do grupo, foi perguntado se eles se disponibilizariam a responder algumas questões e que não precisariam temer qualquer tipo de informação dada, já que seu nome seria preservado e as informações usadas seriam utilizadas apenas para a elaboração do nosso artigo. O questionário utilizado nas entrevistas continha perguntas como: quais os tipos de animais silvestres você vê aqui? Os vê com que frequência? Já utilizou algum desses animais para fins medicinais? Essas e outras perguntas foram feitas uma a uma, com as 20 famílias entrevistadas. Os nomes populares das espécies citadas foram registrados como citados pelas pessoas e em seguida foram agrupados da seguinte maneira: Um gráfico com os nomes vernaculares dos animais de ambas as comunidades rurais de cada cidade que são utilizados para fins medicinais e, duas tabelas, uma para cada comunidade rural com todos os nomes de animais citados, sejam aves, mamíferos ou répteis, tais tabelas vêm demonstrando os nomes populares dos animais, seu nome científico e o uso de cada um por aquelas comunidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil socioeconômico dos entrevistados é apresentado na tabela 1. Nossos resultados revelaram que 33 espécies de animais habitam naquela região. Os grupos são divididos em: aves (n=14), répteis (n=9) e mamíferos (n=10), sendo distribuídos por cada região entrevistada. Pode-se observar que poucos são os animais que são utilizados na medicina popular.

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos entrevistados, no Sitio Lajedo Grande, município de Picuí e Assentamento Riacho da Cruz, município de Barra de Santa Rosa-PB.

SEXO(%)	
Homens	14 (70%)
Mulheres	6 (30%)
Até 29	6 (30%)
30 – 39	2 (10%)
40 – 49	4 (20%)
50 – 59	3 (15%)
60 – 69	2 (10%)
70 – 79	3 (15%)



FONTE: Dados da Pesquisa, 2016

(83) 3322.3222
contato@conidis.com.br
www.conidis.com.br

Tabela 2. Animais mencionados pelos entrevistados na zona rural Lajedo Grande, Picuí-Pb.

Família	Espécie	Nome Vernacular	Tipo de uso
AVES			
Cariamidae	<i>Carianacristata</i> (Linnaeus, 1766)	Seriema	-
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i> (Linnaeus, 1766)	Rolina	-
	<i>Zenoidauriculata</i> (DesMur, 1847)	Arribaça/ Pomba-de-bando	Alimentar
Corvidae	<i>Cyanocoraxcyanopogan</i> (Wied, 1821)	Gralha- canção	-
Catharidae	<i>Coragypsatratus</i> (Bechsten, 1793)	Urubu	-
Falconidae	<i>Carcara plancus</i> (Miller, 1777)	Carcara	-
	Gavião (não identificado)		
Furnaridae	<i>Pseudoseisuracristata</i> (Spix, 1824)	Casaca-de-couro	-
Icteridae	<i>Icterusjamacaii</i> (Gmelin, 1788)	Concriz, corrupeirão	-
Mimidae	<i>Mimussaturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	Sabiá-do-campo/ Papa-sebo	-
Psittacidae	<i>PsittacaraLeucophthslnus</i> (Muller, 1776)	Periquitão-maracanã	-
Tinamidae	<i>Crypturellusparvirostris</i> (Wagler, 1827)	Inhambú/ chororó	-
Thraupidae	<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	Galo-de-campina/ Cardeal-do-nordeste	-
MAMÍFEROS			

Canidae	<i>Cerdocyonthus</i> (Linnaeus, 1766)	Raposa	
Cavidae	<i>Caviaaperea</i> (Erzeleben, 1777)	Preá	Alimentar
Dasypodidae	<i>Euphractussexcintus</i> (Linnaeus, 1758)	Tatu-peba	Alimentar
Diephidae	<i>Dielphisalbiventris</i> (Lund, 1840)	Timbu	-
Didelphidae	<i>Didelphis</i> (Linnaeus, 1758)	Tacaca/ Gambá	Alimentar
Felidae	Gato-do-mato (não identificado)		-
RÉPTEIS			
Iguanidae	<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	Iguana	-
Dipsadidae	<i>Philodryasnattereri</i> (Steindanchner, 1870)	Cobra-corre-campo	-
Elapidae	<i>Micrurusibiboboca</i> (Merrem, 1820)	Cobra-coral	-
Teiidae	<i>Tupinambismerianal</i> (Linnaeus, 1758)	Teju	Alimentar/Medicinal
Viperidae	<i>Bothropoideserythromelar</i> (Amaral, 1923)	Jararaca	-
	<i>Caudisonadurissa</i> (Linnaeus, 1758)	Cobra-cascavel	-

FONTE: Dados da pesquisa, 2016.

Na zona rural Lajedo Grande como mostra na tabela acima, foram relatados 13 espécies de aves, 6 espécies de mamíferos e 6 espécies de répteis dos quais apenas uma espécie de réptil, que foi o teju é utilizada como uso de medicamento por um entrevistado daquela região. Os demais relataram que não utilizam de medicamentos de origem animal. Quando questionado se algum desses animais havia sido utilizado no uso alimentar, quatro entrevistados afirmaram que sim.

A tabela 3 é a distribuição dos animais no Assentamento Riacho da Cruz, onde foram relatados 6 espécies de aves, mas apenas 1 espécie foi considerada diferente em relação a outra área entrevistada, 8 espécies de mamíferos, no qual 3 espécies não foram encontradas na outra região e

10 espécies de répteis dos quais 3 espécies não foram relatadas na outra região entrevistada. Quando foi questionado o uso desses animais no uso medicinal, poucos foram relatados, mas quando questionado no uso alimentar, podemos observar que muitos ainda são utilizados como alimento.

Tabela 3. Animais mencionados pelos entrevistados no Assentamento Riacho Cruz, Barra de Santa Rosa-Pb.

Família	Espécie	Nome Vernacular	Tipo de uso
AVES			
Cardinalidae	<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	Azulão	Alimentar
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i> (Bechsten, 1793)	Urubu	-
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i> (Linnaeus, 1766)	Rolina	Alimentar
	<i>Zenaida auriculata</i> (DesMur, 1847)	Arriçaça/ Pomba-de-bando	Alimentar
Tinamidae	<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	Inhambú/ chororó	-
Thraupidae	<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	Galo de campina/Cardeal-do-Nordeste	Alimentar/
MAMÍFEROS			
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	Raposa	Alimentar
Cavidae	<i>Cavia aperea</i> (Erxeleben, 1777)	Preá	Alimentar
	<i>Kerodon rupestris</i> (Wied-Neuwied, 1820)	Mocó	-
Callitrichidae	Sagui (não identificado)		-

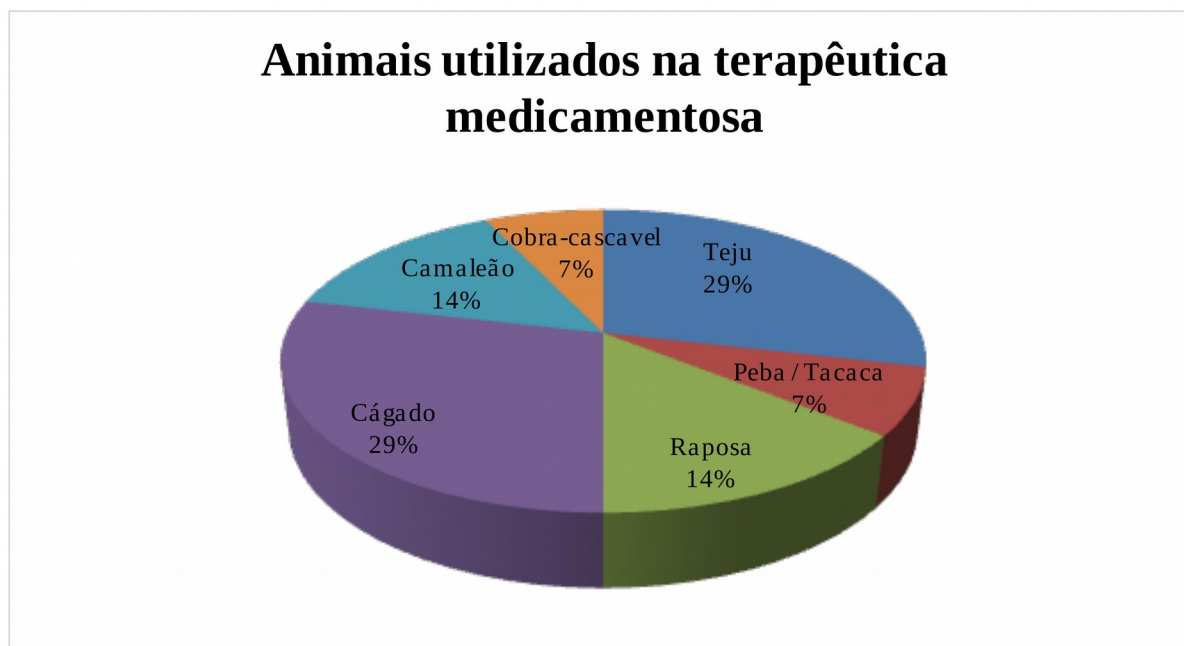
Dasypodidae	<i>Euphractus excintus</i> (Linnaeus, 1758)	Tatu-peba	Alimentar/Medicinal
Didelphidae	<i>Didelphis</i> (Linnaeus, 1758)	Tacaca/ Gambá	Medicinal
Echimyidae	<i>Tthrichomys apereoides</i> (Lund, 1839)	Punaré	-
Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775)	Gato-do-mato-pintado	-
RÉPTEIS			
Boidae	<i>Epicrates assisi</i> (Machado, 1944)	Salamanta	-
Chamaeleonidae	Camaleão (não identificado)		Alimentar/Medicinal
Chelidae	Cágado (não identificado)		Medicinal
Teiidae	<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	Calango-bico-doce	-
	<i>Tupinambis merianae</i> (Linnaeus, 1758)	Teju	Alimentar/Medicinal
Dipsadidae	<i>Philodryas nattereri</i> (Steindanchner, 1870)	Cobra-corre-campo	-
Elapidae	<i>Micrurus ibiboboca</i> (Merrem, 1820)	Cobra-coral	-
Viperidae	<i>Bothropoides erythromelas</i> (Amaral, 1923)	Jararaca	-
	<i>Caudisona durissa</i> (Linnaeus, 1758)	Cobra-cascavel	Medicinal
Tropiduredae	<i>Tropidurus oreadicus</i> (Rodrigues, 1897)	Calango	-

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016

O Gráfico 1, apresenta a porcentagem de distribuição dos animais mencionados pelos entrevistados e que são utilizados para fins medicamentosos. Em sua maior porcentagem podemos destacar o Teju e Cágado, ambos com 29% o que é justificado, já que todos ou pelo menos grande parte dos entrevistados citaram o uso da “banha” de tais espécies de répteis. De acordo com Mendonça et al. (2011), a gordura e a língua do teju pode ser utilizado como remédios. Conforme

Silva (2014), a banha do teju serve para inflamação, dor de ouvido, cabeça-de-prego e dor-de-cabeça.

Gráfico 1. Animais mencionados pelos entrevistados que são utilizados na terapêutica medicamentosa.



FONTE: Dados da pesquisa, 2016

O quadro abaixo mostra a finalidade de cada medicamento de origem animal, a partir dos resultados, podemos observar que a maioria desses medicamentos é usada para inflamações na garganta e, que até os dias de hoje se utiliza desses medicamentos, porém não com grande incidência como antigamente. Foram questionados se os mesmo acreditam ou confiam nos medicamentos de origem farmacêutica, alguns relataram que confiam nos farmacêuticos e outros relataram que não confiam, faz uso apenas de medicamentos de origem animal e vegetal.

ANIMAL	PARTE DO CORPO QUE É UTILIZADA	FINALIDADE DO MEDICAMENTO PRODUZIDO
TEJU	BANHA	INFLAMAÇÃO NA GARGANTA
CÁGADO	BANHA	DOR NOS OSSOS E INFLAMAÇÃO

PEBA	BANHA	INFLAMAÇÃO NA GARGANTA
TACACA	BANHA	REUMATISMO
CAMALEÃO	BANHA E OSSO	INFLAMAÇÃO NA GARGANTA E ESPINHA NA PELE
COBRA CASCAVEL	BANHA	EPILEPSIA E EVITAR TER FILHOS
RAPOSA	-	INFLAMAÇÃO NA GARGANTA

FONTE: Dados da pesquisa, 2016

A partir desses resultados, podemos observar como é relevante a diferença entre cada região que foi entrevistada. A da zona rural de Picuí, pouco ou quase nunca se utiliza medicamento de origem animal. Observamos que muitos puderam relatar que eram utilizados “antigamente”, pelos pais, avós, pelo simples fato que os medicamentos farmacêuticos possuíam um custo alto, e por muitas vezes não ter condições de comprar, optavam por fabricar esses medicamentos. É importante também ressaltar a diferença faunística que se encontra em cada região.

Na zona rural de Barra de Santa Rosa a maioria dos entrevistados, utilizam ainda esses medicamentos, e alguns ainda relataram que não confiam nos medicamentos farmacêuticos, fazendo uso apenas de remédios caseiros, seja de origem animal ou vegetal.

CONCLUSÃO

Concluimos com os Resultados das pesquisas que foram realizadas na zona Rural nos municípios de Picuí e Barra de Santa Rosa, Paraíba que, houve uma grande diminuição no uso de medicamento de origem animal em relação a épocas anteriores, pois são vários os fatores que contribuem para essa diminuição. Um dos fatores preponderantes é o avanço da agricultura, o desmatamento e a extinção de algumas espécies, como também, o fácil acesso a medicamentos farmacêuticos fazendo com que a população rural perdesse os hábitos culturais do uso da zooterapia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. et al. **Uso tradicional da fauna silvestre do Município de Lapão – Bahia**, 2014.

MELO, M. F. **Uso da fauna na medicina popular do município de Alagoa Nova – Paraíba, 2011.**

MENDONÇA, L. E. T. et al. **Conflitos entre pessoas e animais silvestres no Semiárido paraibano e suas implicações para conservação, 2011.**

SILVA, M. E. **O uso de zooterápico por comunidades dos Cariris Velhos, São João do Tigre, PB, 2014.**

SOUTO, W. M. S. et al. – **Uso de fauna medicinal no Brasil, 2011.**

IBGE 2016. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br>> Acesso em 27 de agosto.

Wiki aves. Disponível em < <http://www.wikiaves.com.br/>> Acesso em 22 de setembro.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Barra de Santa Rosa, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Picuí, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

sociodiversidade

